



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ABRAHAO, Carlos Eduardo Cantúcio. Wilhelm Reich no século XXI: de violência à globalização. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

1

WILHELM REICH NO SÉCULO XXI: DE VIOLÊNCIA A GLOBALIZAÇÃO

Carlos Eduardo Cantúcio Abraão

RESUMO

A partir da obra de Wilhelm Reich o autor procura resgatar sua contribuição ao homenageá-lo no cinquentenário de sua morte (2007), observando sua pertinência no atual contexto planetário. Decorrido meio século ao início do século XXI, as “crianças do futuro”, às quais reservara com eterno carinho a possibilidade da transformação das mazelas da cultura, não se submeteram na prática à profilaxia de neuroses, conforme preconizou. O autor avalia que ainda não obtivemos êxito na empreitada de um futuro melhor para as crianças como almejava Reich, tomando por base o acirramento exponencial de distúrbios sociais e todas as demais violências do mundo globalizado - em ameaça de "convulsão febril", que se espalham como praga, evidenciando uma terrível e ressonante peste emocional da humanidade.

Palavras-chave: Economia sexual. Globalização. Profilaxia das neuroses. Psicologia de massas. Psicologia política.

Prefácio

Em 3 de novembro de 2007 completaram-se cinquenta anos da morte de Wilhelm Reich. É uma data marcante para quem conhece e aprecia a contribuição de Reich ao conhecimento humano, e almeja que sua obra tenha o reconhecimento que merece, e por decorrência amplie seus frutos para as atuais e futuras gerações, as "crianças do futuro" no dizer dele, ainda que num contexto de intensificação de conflitos na civilização.

Ficou determinado por Reich em testamento que, por cinquenta anos após sua morte, documentos seus ficassem guardados e armazenados, "para assegurar sua integridade contra a destruição e a falsificação por parte de qualquer interessado na falsificação e destruição da verdade histórica":

Estes documentos são de crucial importância para o futuro das gerações dos que acabam de nascer. Há muitas pessoas emocionalmente doentes que tentarão arruinar minha reputação independente do que possa ocorrer com os bebês, apenas para que suas vidas pessoais possam permanecer escondidas na escuridão de uma era refugada dos Stalin e dos Hitler (REICH *apud* Matthiensen¹).

¹ Tradução para o português do testamento de Wilhelm Reich autorizada por Mary Higgins, curadora da sua obra (MATTHIENSEN, 2001). Toda a obra de Reich, em função desse seu testamento, inclusive essa determinação dos cinquenta anos, tem a curadoria da *Wilhelm*



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ABRAHAO, Carlos Eduardo Cantúcio. Wilhelm Reich no século XXI: de violência à globalização. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

2

À frente de seu tempo, de fato hoje várias frentes de conhecimento abertas por Reich podem receber um novo olhar, ainda que parte de suas idéias continue "indigesta" a determinados "comensais". Provavelmente Reich sabia ter contribuído para o acesso a uma profunda concepção dos fenômenos vitais humanos, e porque viveu o evidente despreparo da humanidade para que as enxergasse e compreendesse, impõe em testamento essa "proteção lacunar" para a sua obra, para que se assentasse a "poeira" da história.

Dessa forma, no transcorrer do ano de 2007 diversos eventos em diferentes localidades do planeta celebraram a memória de Wilhelm Reich, culminando na abertura daquele conteúdo armazenado, o que pode ser pesquisado na página do Museu Wilhelm Reich na rede mundial de computadores.

Introdução

A polêmica em torno de Reich decorre das implicações de suas teorias, descobertas e afirmações, por terem potencial "desestabilizador" dos sistemas de controle ideológico e de mercado, de crenças, valores e tradição fortemente arraigados na história da humanidade. Por sua vez, esses controles seriam determinantes de uma cultura que leva a civilização a um "beco-sem-saída", como se observa de sua asserção e visão de mundo.

Nessa acepção, os sistemas ideológicos hegemônicos passados e atuais necessitariam profunda modificação para que a civilização possa caminhar no sentido da sua verdadeira humanidade, inteligência, auto-regulação, respeito à vida, e não no da destruição, da guerra, dos crimes e todas as demais formas de violência, da neurose em massa, para a qual propõe profilaxia.

É de interesse, portanto, destacar-se o pensamento reichiano neste momento em que conflitos recrudescem na civilização, e em que algumas de suas idéias e concepções merecem ser revisitadas no atual contexto.

Reich Infant Trust Fund e do Wilhelm Reich Museum, cuja finalidade está voltada às "crianças do futuro".

CENTRO REICHIANO DE PSICOTERAPIA CORPORAL LTDA

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 – Jd. Botânico – Curitiba/PR – Brasil - CEP: 80210-000
(41) 3263-4895 - www.centroreichiano.com.br - centroreichiano@centroreichiano.com.br



De guerras à globalização

Há cem anos atrás a sociedade mundial estava já aproximadamente configurada nos moldes ao que vive hoje sob os aspectos de economia, moral e da política. De lá para cá Reich viveu mais quase meio século em tumultuados anos da história, passando pela revolução comunista e duas guerras mundiais, na segunda delas com o repudiado uso da então recém descoberta bomba atômica (nuclear) sobre população civil no Japão (Hiroshima e Nagasaki). Servindo ao exército de seu país na primeira guerra mundial questionava a insanidade da guerra na civilização, e de como os jovens seguiam morrendo e matando, como cegos, subservientes à autoridade e à pátria.

Reich traz uma compreensão natural ou biológica do funcionamento psicológico do indivíduo e da sociedade. Procurou o fio condutor comum à esquerda e à direita, re-significando no contexto de seu pensamento, o conceito de pulsão (instinto) de morte, trazendo a hipótese de que a vida sempre floresce pulsante, mas que o modo operativo da civilização e cultura seria o condutor de destruição, da neurose e do distanciamento do animal humano da força criativa natural, com a qual, segundo ele, todos os sistemas vivos - pulsáveis e vibrantes, nascemos.

O patriarcado, a tradição, a moral repressiva e a religião, através de uma psicologia política, formatariam o modo de ser irracional da humanidade, vulnerável, ator e sujeito da peste emocional, humanidade essa bloqueada socialmente desde o nascedouro na sua naturalidade e simplicidade da pulsação vital, impedindo a espontânea - porque natural - busca do amor e do prazer. Ao contrário, surge uma felicidade hedonista ou somente de consumo, ímpetos de atuação psicopática a partir de impulsos secundários "produzidos pela supressão da vida natural, e em contradição com a sexualidade natural" (REICH, 2004, p. 16).

Reich acabou acreditando que a doença mental, a doença física e os problemas "sociais" (como a guerra, a violência e o crime) eram o que ele chamou de Praga Emocional. A energia bloqueada, a couraça e rigidez resultantes dela impedem as pessoas de crescer e fluir naturalmente. Achava que a repressão sexual estava



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ABRAHAO, Carlos Eduardo Cantúcio. Wilhelm Reich no século XXI: de violência à globalização. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

4

no centro dessa couraça. Pessoas reprimidas e sociedades reprimidas teriam uma camada de intolerância e de comportamento persecutório que irromperiam violentamente de tempos em tempos. (HILTON, 2006, p.19-20).

Com a queda do muro de Berlim (1990) a revolução soviética conclui seu ciclo histórico abortado, e a hegemonia capitalista mundial em meio a uma acelerada revolução tecnológica e de comunicação se instala no século XXI, sinalizando a entrada na globalização. Toda uma psicologia política controla as massas que sustentam e ressonam nesses processos da cultura da globalidade.

No dizer de Odila Weigand,

Nesse vazio, onde se instala o tédio, chega a tecnologia e principalmente a televisão, cultuada como referência dominante. Hoje a cultura da mídia é a cultura que domina, que organiza as formas sociais, substitui as manifestações culturais, faz a cidadania enxergar o mundo sob sua ótica, nas suas lentes, com seus vieses. As mídias, hoje, principalmente a televisão, detém o poder de fazer crer e fazer ver. Seus ícones substituem os arquétipos do imaginário, são árbitros de valores e aceitação, de gosto e medida... (WEIGAND, 2007).

Na realidade o "glamour" do fim da guerra fria transforma-se em terror e atrocidades do genocídio da indústria de armas, do seu tráfico internacional que cruza com o de drogas e o insano aparato policial e militar repressor cada vez mais cruel e perverso, as inúmeras guerras e crimes que se sucedem tão banalizados quanto mais atroz, incluindo a violência urbana, a violência contra a mulher, crianças e idosos, a corrupção política e econômica, e a hipocrisia, que minam como uma peste o que seria uma sociedade sadia, num triste e surreal circo de horrores.

De um modo de ver, é atual o que Reich escreveu em 1942, quando falava num impasse com seus opositores na discussão de suas idéias da "difícil luta por uma vida sã":

E surge assim a questão: como transformar o princípio em realidade, e como transformar leis naturais de alguns em leis naturais para todos? Claro que uma solução individual do problema era insatisfatória e não atingia o ponto essencial. Uma pesquisa dos aspectos sociais da psicoterapia era coisa nova na época. A abordagem do problema social podia fazer-se por três caminhos: a profilaxia das neuroses, a questão intimamente relacionada da



reforma sexual, e finalmente o problema geral da cultura (REICH, 2004 p. 165).

Ao oferecer um complemento compreensivo de Reich, David Boadella relata que "esses três problemas estavam intimamente relacionados. [...] 1. O problema da prevenção das neuroses: a questão da educação e criação das crianças. 2. O problema das atitudes sexuais negativas na sociedade: a questão da reforma sexual. 3. O problema da repressão autoritária na sociedade: a questão da reformulação social como um todo" (BOADELLA, 1985 p. 64). Tomo aqui prerrogativa da escrita para atualizar o tempo do verbo: esses três problemas *estão* intimamente relacionados.

Em novembro de 1944, Reich intuía no prefácio da terceira edição de "A Revolução Sexual" (REICH, 1982) que "o desenvolvimento da nossa época, em toda parte, é no sentido de uma comunidade planetária dos cidadãos terrestres e de um internacionalismo sem condições e sem restrições" (p. 21), prenunciando a globalização.

Reich como "pai" da revolução sexual

Reich é tido como o "pai" da revolução sexual que transcorreu na década seguinte à sua morte. Ao descrever uma corrente vegetativa que, desinibida, percorre o corpo no momento do orgasmo, passou a defender que a neurose e impotência orgástica andavam juntas, e que uma poderosa ferramenta para ajudar a afastar a humanidade da peste emocional é o abraço genital orgasticamente potente e espontaneamente amoroso.

Defendia que todo organismo vivo pulsa porque contém bioenergia incorporada do orgone cósmico, e que essa pulsação necessita de recorrer a um ciclo natural biológico de tensão - carga - descarga - relaxamento (a curva orgástica) para manutenção da vida criativa e prevenção de biopatias, desde e até antes do nascimento de cada indivíduo, e no transcorrer de toda a sua existência. Acreditava que "o flagelo maciço das neuroses é produzido em três estágios principais da vida humana: na primeira infância, através da atmosfera de um lar neurótico; na puberdade, e finalmente no casamento compulsivo, na sua concepção estritamente moralista" (REICH, 2004 p. 173). Defendia



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

6

ABRAHAO, Carlos Eduardo Cantúcio. Wilhelm Reich no século XXI: de violência à globalização. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

caminhar-se no sentido do respeito à pulsação vital como forma de prevenir o que entendia como couraça muscular e de caráter, que se instalam em massa na sociedade.

David Boadella nos informa que:

O trabalho de Reich na prevenção da neurose continuou com renovada ênfase na importância de um bom contato energético entre a mãe e seu conceito durante a gravidez e primeiros anos de vida. Ele fundou um Centro de Pesquisa na Infância no Maine, EUA, para estudar as situações precoces de vínculo da criança no mesmo ano em que John Bowlby estudava Cuidados Maternos e Saúde da Criança para a Organização Mundial de Saúde. A pesquisa de Reich em crianças enfatizou a importância dos contatos de olho e pele, sintonia e ressonância, um quarto de século antes que esses temas se tornassem de interesse na moderna psicologia do desenvolvimento (BOADELLA, 1997).

Se no cuidado à gestação e aos bebês há mais consensos, ainda que omitam as contribuições de Reich nesta questão, nas implicações políticas de uma nova sexualidade as coisas se complicam bem mais ao se trazer o tema para o contexto atual.

Liane Zink nos aponta que:

Os esforços libertários de Reich não conseguiram reduzir os sentimentos de ansiedade e culpa relacionados com a sexualidade, nem tampouco os esforços de tantos outros movimentos que a ele se seguiram, denunciando e combatendo a repressão sexual e seus desdobramentos, dos mais evidentes aos mais sutis. [...] É fato, a moral contemporânea continua sendo uma moral repressora. A busca do prazer sexual continua sendo alvo de condenação. O sexo ainda se constitui em ameaça e a moral estigmatiza a sexualidade. A tão famosa revolução não conseguiu atingir seu ponto culminante. [...] Como poderia ser a vida se a pulsação não tivesse sido reprimida? Mais insidiosa que a repressão sexual é a repressão do contato real entre as pessoas, do contato amoroso. Numa sociedade onde impera o individualismo, a libido volta-se para a aquisição de bens” (ZINK, 1997).

Questões relacionadas à sexualidade e reprodução humanas continuam largamente controladas por sistemas morais e religiosos conservadores, numa complexa sociedade de consumo de bens e prazeres tão insuficientes quanto imediatos. Exemplos notórios persistem hoje no trato da questão do aborto e da anticoncepção.



Humanidade e natureza, dentro e fora de si

O drama mais recente pelo qual mobilizam-se as forças da governança planetária é o chamado "aquecimento global", que na década de 1950 não era cogitado, mas hoje é um carro-chefe do apelo à recuperação e preservação da vida do e no planeta. Demorou, mas a evidência do provável e profundo desequilíbrio climático global de origem antrópica por que passa a Terra se impôs ao mando imperialista do capitalismo desenfreado.

A questão ambiental foi objeto de preocupação por parte de Reich: "o animal humano só poderá aprender a compreender e amar a natureza dentro e fora de si mesmo se pensar e agir do modo como a natureza funciona, a saber, funcionalmente e não de forma mecanicista ou mística" (REICH, 2003 p.102).

Toda uma patologia social ambiental emerge decorrente da ressonância consumista do capitalismo hegemônico e sua mídia, suplantando paradoxalmente a essência vital que tanto almeja, num planeta que também sofre as consequências de um desenvolvimento insustentável. Do ponto de vista da capacidade de suporte da natureza, a sofreguidão tecnológica em busca de um bem estar materialista de felicidade dilapida recursos e energia de tal forma perdulária, que as previsões apontam profundas alterações na configuração planetária no transcorrer deste século.

Na "Psicoecologia reichiana: das origens biológicas da solidariedade à desertificação humana e ambiental", José Henrique Volpi nos aporta que "...assim caminha a humanidade, sendo regida durante toda sua existência pelo desejo de conquista, de guerra, de poder, de violência, perturbando a frágil relação existente entre o homem e a natureza e alongando consideravelmente a lista dos desastres ecológicos provocados nos últimos tempos. [...] É inegável os efeitos destrutivos da espécie humana sobre o próprio homem, sobre as demais espécies animais e vegetais e sobre a biosfera como um todo. [...] O homem foi quem se separou da natureza, e não a natureza do homem" (VOLPI, 2004).

Portanto, a constatação do problema ambiental planetário pode evidenciar o caminho tomado pela ideologia tornada hegemônica no planeta



globalizado, da usurpação dos benefícios da natureza e da vida, destruindo-a, contaminando já e cumulativamente para as próximas gerações de entes viventes e seres humanos, crianças do presente e do futuro.

Violência: ressonância biopática da peste emocional

Nesses anos que sucedem, a história mostra que o fenômeno das violências aprofunda-se e se amplia de forma trágica, atinge o planeta (além da humanidade) também de uma forma global e polissêmica.

Uma violência que banaliza a vida no seio da civilização globalizada, como "biopatia psicopática" da peste emocional da humanidade, fenômeno que recrudesce no século XXI, trazendo a natureza pura das "crianças do futuro" à criminalidade que se amplia.

Pode-se falar em violência como fenômeno polissêmico: todo e qualquer ato que resulte em morte, sofrimento ou dano de natureza física, psicológica, social, sexual, todos atos destrutivos e/ou auto-destrutivos. Aí temos uma ampla gama de situações especificando o tipo e contexto de atuação envolvido: abandono ou abuso, situações em trabalho (exploração e assédio) e na esfera sexual, intrafamiliar e doméstica, contra criança, a mulher e o idoso, em escolas (assassinatos em série e o fenômeno do "bullying") e na rede Internet a pedofilia, os estádios de futebol, todos os crimes e torturas, o terrorismo e o seqüestro, as facções criminosas, os crimes, todas as formas de corrupção e o evidente componente sexual frequentemente associado à violência e ao abuso de poder.

Para Flávio Roberto de Carvalho Santos, "A criminalidade não pode deixar de ser compreendida por um aspecto clínico, no sentido econômico-sexual, dentro da abordagem reichiana". Ele prossegue:

Dentre tantas colocações, destacou Reich que quando o instinto sexual não é satisfeito adequadamente, este mesmo se transforma em destrutividade. [...] A destrutividade necessita da neuromuscularidade tal como a satisfação sexual saudável. No indivíduo com uma estrutura de personalidade desajustada ao longo de sua história, a excitação sexual insatisfeita invade o corpo não mais com um cunho sensual agradável, mas com um cunho ameaçador e destrutivo. [...] Desta forma, sem essa compreensão, nada muda na sociedade porque nada é feito de fato no sentido da economia sexual. Sabemos que a leitura reichiana é uma tarefa difícil por se associar à



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

9

ABRAHAO, Carlos Eduardo Cantúcio. Wilhelm Reich no século XXI: de violência à globalização. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

brutalidade do criminoso e às questões econômico-sexuais de seu desenvolvimento afetivo. Porém, tudo que tem sido feito até agora, das medidas corretivas, em nada modificou a condição da atualidade (SANTOS, 2004).

Violência: uma reverberação obscurantista, onde, à transgressão, só tem restado seu “combate”, o “vigiar e punir”; macabro fenômeno do descalabro patriarcal.

Essa hegemonia “sempre foi assim”, a humanidade nasce com o “instinto de morte” e de fato cada vez mais será necessário o “controle” da inata bestialidade humana?

Os sistemas institucionais procuram a prevenção do fenômeno, mas avançam muito pouco além do reconhecimento, identificação pelos sistemas de vigilância e epidemiologia, e punição aos infratores num subsistema prisional e tutelar que acaba agravando na prática o problema. Por vigorarem hegemônicas, as abordagens do “combate” à violência e da tolerância “zero” não só adentram nas controvérsias éticas da adoção da pena de morte e redução da maioria penal, mas evidenciam que na polissemia deve ser incluído o prazer sádico que se reforça quando a grande mídia e os sistemas tecnológicos agregados (jogos, cinema, etc) escancara toda a bestialidade de uma forma tão real, quanto perversa.

A parafernália do controle acaba por estimular a violência, como o dito de que violência atrai violência. A ressonância perversa. As abordagens tradicionalistas contentam-se em reconhecê-la como um fenômeno humano, e que por isso não se almeja erradicá-la, mas compreendê-la para lidar com ela.

Não se toca na profilaxia da violência, como na da neurose em geral, como defendeu Wilhelm Reich, termo mais adequadamente empregado aqui ao invés de prevenção: previne-se uma doença ao se evitar a exposição aos fatores etiológicos e de risco. No caso da violência, como na profilaxia da neurose, alude-se a um conjunto complexo de fatores, num âmbito muito mais amplo do que numa relação mecanicista de causa efeito, e que numa hipótese reichiana merece uma possibilidade de análise a partir da compreensão simples e profunda da economia sexual humana. O mesmo se aplica ao câncer.



Tem-se tocado nesse assunto de um ponto de vista da gênese da fenomenologia para além do construto de pulsão de morte no caso da violência?

Devo aqui destacar a edição de uma entrevista gravada com Reich em fita magnética em 18 e 19 de outubro de 1952, aproximadamente 5 anos antes de sua morte (HIGGINS, 1979), na qual ele fala longamente de sua relação com Sigmund Freud ao entrevistador.

Ali, ao ouvir Reich, uma fala de profundo respeito a Freud vai mostrar os pontos de sintonia e dissonância diametral. A questão do instinto-pulsão de morte é um deles, que tem implicação com visões-postura no mundo opostas: acreditar no vivo lutando para um caminho de preservar seu desabrochar natural, ou acreditar que a morte mata o vivo em vida, e que, portanto temos de aprender a viver no inferno terrestre. Pode decorrer também daí o descaso ainda hoje com a idéia de profilaxia das neuroses. Admite-se como salutar os cuidados no ciclo concepção puerpério, mas nem se toca em que isso seja parte de uma abordagem maior numa proposta reichiana.

Portanto, diferentemente de considerá-la como “natural” nas relações humanas a partir de um “instinto” de morte, Reich enquadra a violência como uma enfermidade, uma biopatia adquirida da cultura de uma civilização fundada na hegemonia patriarcal-capitalista que necessita sepultar, no seu nascedouro, toda força vital que potencialmente a desloque de sua dominação.

As energias vitais regulam-se a si mesmas naturalmente, sem qualquer obrigação compulsiva ou moralidade compulsiva - ambas, sinais certos da existência de impulsos anti-sociais. As ações anti-sociais são a expressão de impulsos secundários. Esses impulsos são produzidos pela supressão da vida natural, e estão em contradição com a sexualidade natural. (REICH, 2004 p. 16).

A atualidade reichiana

Nesses cinquenta anos após a morte de Reich, a "arquitetura" cultural, social e agora ambiental do planeta teve suas características auto-destrutivas bastante acentuadas, e no início do século XXI continua agindo nos moldes patriarcais, nas relações de autoridade, no abuso e no uso de poder econômico, pela força policial ou coerção moral, na repressão no paradigma



pulsional e na insatisfação no objeto (WEIGAND, 2007, p. 26-29), na competitividade, e não na cooperação como valor ético.

Reich fala de profilaxia das neuroses. Transposto de forma adequada ao tempo presente parece atual, e, portanto merece avaliação ponderada, haja vista que o total abandono da inusitada proposta não lhe permitiu ser cogitada como possibilidade para uma civilização humana que passe, desde uma concepção desejada, por uma outra ordem de valores simples, e que de fato preservem a vida.

A (im-) possibilidade da saída pode, ao menos em parte - talvez essencial, estar relacionada ao que aponta de válido a economia sexual, psicologia política e de massas da humanidade, assuntos mantidos sob tabu, o que merece análise. Por que não se analisar a fenomenologia da violência à luz da economia sexual de Wilhelm Reich hoje?

Naquela entrevista em que Reich fala de Freud (HIGGINS, 1979), ele comenta das grandes esperanças e expectativas do mestre, e de que ele (Reich) continuasse somente como um clínico da psicanálise. E aí, segundo ele, alguma coisa aconteceu: deu-se conta das crianças e da infelicidade das pessoas, e da relutância em se adentrar nas raízes sociais da neurose. Perguntava: "Como é que eles (falava dos psiquiatras) corrigirão a economia psíquica nas crianças, nos recém-nascidos, nos adolescentes, se eles excluem a libido?"

"Donde vem essa infelicidade?": E aqui começaram as dificuldades. Enquanto Freud elaborou a sua teoria do instinto de morte, que dizia "a infelicidade vem de dentro", e eu fui ao encontro das pessoas até onde elas se encontravam. [...] Eu tinha traçado as conseqüências sociais da teoria da libido. Na idéia de Freud isto foi a pior coisa que eu fiz². Ora, quais são estas conseqüências sociais? Quais são as conseqüências sociais da teoria da libido? [...] Gostaria de resumi-lo em poucas palavras: Se há uma corrente, uma corrente natural, deve-se deixá-la correr. Se se bloqueia nalgum ponto, a água transborda para as margens. É isto. Agora, quando se bloqueia a corrente natural da bioenergia, também ela transborda, resultando em irracionalidade, perversões, neuroses, etc. Que há de fazer para corrigir isto? Tem que se reconduzir a corrente ao seu leito normal e deixá-la fluir de novo naturalmente. Isso requer uma quantidade de alterações na educação, na formação da criança, no ambiente

² Nota no original: "O conflito entre Wilhelm Reich e Sigmund Freud é apenas o reflexo do conflito entre a segurança do mundo cultivado e a vida autêntica do povo em geral. Este é um capítulo assustador do conhecimento". Reich, 1952. Arquivos do Instituto Orgone.



familiar. São estas as conseqüências sociais. E de certo modo, Freud não conseguiu compreender-me neste ponto. O que o incomodava, não era a técnica caráter-analítica, era a revolução sexual³. Alguma pergunta? (grifos do autor) (HIGGINS, 1979 p. 52).

Não obtivemos êxito na empreitada de um futuro melhor para as crianças como almejava Reich, tomando por base o acirramento exponencial das guerras e todas as demais violências do mundo globalizado de hoje - em ameaça de "convulsão febril", que se espalham como praga, evidenciando uma terrível e ressonante peste emocional da humanidade.

É me simpática, portanto a idéia de pensar Wilhelm Reich como um meta-cientista.

Michael Mannion, cita-o em "O Experimento Oranur, Primeiro Relatório (1947-1951)", ao trazer o pensamento de Reich aos dias atuais: "Todas as fronteiras entre ciência e religião, ciência e arte, objetivo e subjetivo, quantidade e qualidade, física e psicologia, astronomia e religião, Deus e Éter, estão irrevogavelmente sendo rompidas, sendo repostas por um princípio de funcionamento comum de toda a natureza que se ramifica de várias formas na experiência humana". Comenta Mannion:

No início de um novo século, é apropriado para todos os seres humanos preocupados com nossas vidas de pessoas, sociedade e planeta - cientistas de saúde, médicos, educadores, estudantes, terapeutas e pacientes - para revisitar os notáveis estudos das funções da energia vital no ser humano e na natureza, e verificar como essa informação pode ser usada para se construir um mundo melhor. Próximo ao fim de sua vida, Reich deixa um aviso premente: "Estamos face uma emergência, não só como espécie humana; o princípio da VIDA EM SI da Terra está sendo desafiado. Nós estamos num processo de mudanças profundas e cruciais em toda a nossa existência, biológica, física, emocional e cósmica". Estamos prontos para o desafio? (MANNION).

REFERÊNCIAS

BOADELLA, David. **Nos Caminhos de Reich**. São Paulo: Summus, 1985

³ Nota no original: "Quando criei o termo "Revolução Sexual" na década de trinta, idealizei uma modificação básica na habitual negação da vida e do amor, para uma abordagem da função amorosa do gênero humano, racional, positiva, enaltecadora da felicidade." Reich, 1952. Arquivos do Instituto Orgone.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

13

ABRAHAO, Carlos Eduardo Cantúcio. Wilhelm Reich no século XXI: de violência à globalização. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

BOADELLA, David. **Wilhelm Reich: From Psychoanalysis to Energy Medicine**. Escola de Biossíntese do Rio de Janeiro. International Foundation for Biosynthesis. Disponível em (inglês): <<http://www.biossintese.psc.br/WilhelmReich.htm>>. Acesso em: 2 abr. 2009.

HIGGINS, Mary; RAPHAEL, Chester; (Org.). **Reich fala de Freud**. Lisboa, Portugal: Moraes. 254 p. (Trabalho original publicado em 1967).

HILTON, Virginia Wink. Reich, Lowen e o IIBA: enfrentando o desafio de um mundo dominado pelo conflito. In: **Análise Bioenergética - Revista Clínica do Instituto Internacional de Análise Bioenergética**. [Recife]: Libertas. Volume 16, 2006. p. 9 - 40.

MANNION, Michael. **Wilhelm Reich: Revisiting a Scientific Pioneer**. Disponível em (inglês): <http://www.metahistory.org/am_ReichByMannion.php>. Acesso em: 2 abr. 2009.

MATTHIESEN, Sara Quenzer. **Last Will and Testament of Wilhelm Reich**. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, v. 17, n. 3, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722001000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 2 abr. 2009. Pré-publicação. doi: 10.1590/S0102-37722001000300002

REICH, Wilhelm. **A Função do Orgasmo**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense. 2004

REICH, Wilhelm. **A Revolução Sexual**. 8 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

REICH, Wilhelm. **O Éter, Deus e o Diabo, seguido de A Superposição Cósmica**. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

SANTOS, F. R. de C. Criminalidade: uma leitura Reichiana. In: **Psicologia Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, 2004. Coleção Psicologia Corporal Vol 5. Resumo disponível em: <<http://www.centroreichiano.com.br/sumrev5.htm>>. Acesso em: 2 abr. 2009.

VOLPI, José Henrique. Psicoecologia reichiana: das origens biológicas da solidariedade à desertificação humana e ambiental. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMERICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1, 4, 9, Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. Disponível em: <<http://www.centroreichiano.com.br/artigos/anais/Jose%20Henrique%20Volpi.pdf>>. Acesso em: 2 abr. 2009.

WEIGAND, Odila. **Felicidade**. (Palestra proferida no III Encontro das 3 Bios - bioenergética, biossíntese, biodinâmica - Imprescindível Amor). Campos do Jordão, 30 nov., 1-2 dez. 2007.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

14

ABRAHÃO, Carlos Eduardo Cantúcio. Wilhelm Reich no século XXI: de violência à globalização. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

WEIGAND, Odila. **Grounding e Autonomia**. A terapia corporal Bioenergética revisitada. São Paulo: Person, 2006.

ZINK, Liane. **Revolução Sexual Quae Sera Tamen**. Instituto de Análise Bioenergética de São Paulo. Disponível em: http://www.bioenergetica.com.br/html/Artigo_08.asp. Acesso em: 2 abr. 2009.

AUTOR

Carlos Eduardo Cantúcio Abrahão/SP – Médico, Especialista em Psicologia Clínica, Analista Bioenergético (CBT), Hipnoterapeuta e Terapeuta Comunitário.

E-mail: eabrahao@br.inter.net

